

A Língua Tupi ou Geral

Uma página de "Ameríndios e Africanos")

Por FARIAS Antonio S. Michael

Ramo da família tupi-guaraní, que, por sua vez, pertence ao grupo sulamericano da nona grande divisão da classificação de Trombetti, a língua tupi ou geral tem impressionado vivamente a todos quantos se tenham posto em contacto com os que a falam.

Sem a aspeira dos dialetos indígenas norte-americanos, nem a deficiência vocabular de outras, que com ela guardam visível afinidade, ela conseguiu, logo, impôr-se aos conquistadores, já como meio de catequese, já como elemento seguro de bandeirismo, ou consequência lógica e irrecusável do sempre crescente mesquagem. Aliás, antes dos jesuítas, não escapara à perspicácia nativa esse seu carácter conciliador, fruto de invulgar macabundância e riqueza de raízes.

O primeiro a dar-lhe forma escrita, cingindo-a a disciplina gramatical, foi, sem dúvida, André de Siqueira, que, em 1590, elaborou a celebre "Arte de Grammatica da Língua mais usada na costa do Brasil", e dele, ainda, com o eminente mestre Fr. Ayrosa, acreditamos ser o "Vocabulário da Língua Brasileira", dado à publicidade em 1621. É verdade que outros, como André Thevet, Jean de Léry e Magalhães Gandavo, como bem lembra Amim de Andrade ("Formação da Sociologia Brasileira", Vol. 1, pag. 57), se lhe haviam antecedido no assunto. Mas, a obra linguística básica, o jovem intelectual brasileiro e quem o anima, realizou-a José de Anchieta.

Reunindo cânticos e autos religiosos, conseguiu o referido jesuíta dar início a uma pequena literatura, a qual, dentro em pouco, se incorporaram as trovas e desenhos profanos, ornamente já existentes e do agrado do ameríndio. Dois outros jesuítas seguiram-lhe as pegadas: — Luis Figueroa e Pero de Castilho, o primeiro também escrevendo uma gramática, em que qualifica o tupi de suave, copioso e opulento; e o último, um dicionário dos "Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil".

Sobre o guaraní ou tupi do sul, a contribuição fundamental foi a do padre António Ruiz de Montoya, que deixou "Arte y Vocabulario de la lengua guaraní". Agora, vejamos como os primeiros escritores antigos e modernos tem jugado o idioma brasileiro.

Pero de Magalhães Gandavo, que é o autor da nossa primeira história, textualmente diz: "A língua de que usamos, toda pela costa, he uma: uma que em certos vocabulários diuere nalgumas partes; mas nam de maneira que se deixem nuns aos outros de entender. e isto ate altura de vinte e sete graus, que dam por diante ha outra gentiude, de que nos nam temos tanta noticia, que falam ja outra lingua diferente. Esta de que tracto, que he geral pela costa, he muy brava, e a qualquer nação facil de tomar. Alguns vocabulários ha nella de que nam usam senam as femeas, e outros nam servem senam para os machos: carece de tres letras, convem a saber nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assi nam tem F, nem L, nem R, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem pezo, nem medida" ("Historia da Provincia de Santa Cruz", pags. 116 e 117 in "Nossa Primeira História" de Assis Cintra, S. Paulo, 1921).

Por um lado, Gandavo reconhece que o tupi é língua branda, mas por outro faz lusitanamente a colossal descoberta descoberta de que os ameríndios não têm fé, nem lei, nem rei, por não possuírem estas letras em seu idioma. É ele, portanto, o pai da enorme sandice que teve nos cronistas Gabriel Soares de Souza e frei Vicente do Salvador, dois seguidores. Gabriel Soares, que era do Recife, tem em seu "Tratado Descritivo do Brasil em 1587", São Paulo, 1938, as seguintes expressões sobre o tupi: "Tem muita graça quando falam, mórmente as mulheres; são muy compendiosas na forma da lin-

guagem e muito copiosos no seu orar, mas falta-lhes tres letras da do ABC, que são F, L, R, grande ou dobrado, cousa muito pera se notar; porque se não tem F, é porque não tem le em nenhuma cousa que adorem... e assim por diante, naquele lenga-lenga de antanho. E frei Vicente do Salvador, eclesiástico baiano, no século XVII, continua a usar o mesmo tom: "E linguagem muito compendiosa, e de alguns vocabulários mais abundante que o nosso português, porque nos a todos os indios chamamos irmãos e a todos os seus, dicos, mas elles ao irmão mais velho chamam de uma maneira, aos mais de outra, o tio irmão do pai tem um nome, e o tio irmão da mãe outro, e alguns vocabulários tem de que não usam sino as femeas, e outros que não servem sino aos machos. E sem falta são muy eloquentes e se presam alguns tanto disto que, da primeira noite ate pela manhã, andam pelas ruas e praças pregando, excitando os mais a paz ou a guerra, ou trabalho, ou qualquer outra cousa que a occasião lhes offerece, e, entretanto que um indio, todos os mais caiam e ouvem com attenção. Mas nem uma palavra pronunciam com F, L, ou R, nao so das suas mas nem ainda das nossas, porque, si querem dizer Francisco, dizem Fancico, e si querem dizer Luis, dizem Luni; e o peor e que tambem carecem de le, de lei e de rei, que se pronunciam com as ditas letras" (pags. 33 e 34 da "Historia do Brasil", S. Paulo, 1931).

Outro modo procede Fernão Cardim, em seu interessante livro "Tratado da Terra e Gente do Brasil", pags. 170-172, S. Paulo, 1939, mostra possuir um tanto mais de bom senso que os tres enumerados: "Em toda esta provincia ha muitas nações de diferentes linguas, porém uma e a principal que comprehendee algumas dez nações de indios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só lingua ainda que em algumas palavras discrepam e esta e a que entendem os portugueses; é facil, e elegante, e suave, e copiosa, a difficuldade della esta em ter muitas composições; porém dos portugueses, quasi todos os que vem do litoral e estão ca de assento e comunicação com os indios a sabem em breve tempo, e os filhos dos portugueses ca nascidos a sabem melhor que os portugueses, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com estas dez nações de indios tem os Padres comunicação por lhes sabermos a lingua...". A mesma attitude assume Simão de Vasconcelos: "juízo muitos que tem a perfeição da lingua grega; e na verdade tem-lhe admirado especialmente sua delicadeza, copia e facilidade" (V. Amim de Andrade, op. cit., pagina 56). A esta altura, e já que so temos tratado de escritores antigos, e justo que, bem escudados nas asserções relativas a riqueza da língua geral brasileira, procuremos, sem demora, uma atarrasada investida contra um viajante francez, Ch.-M. de la Condamine, que, em seu "trabalho", "Viagens a America Meridional", pag. 45 e 46, se espanta da pobreza dos idiomas sul-americanos, entre os quais inclui o nosso:

Diz ele ai que em nenhum deles encontrou termo que traduzisse tempo, duração, espaço, ser, substancia, magia, corpo, virtude, justiça, liberdade, reconhecimento e ingratidão.

São, como se vê, vocabúlos que implicam idéias muy abstratas e civilizadas. Todavia, não obstante ser a nossa uma língua selvagem, inda assim provaremos que ela tinha expressões para a quase totalidade das mesmas.

Tempo é ara; espaço póde ser traduzido por pam ou nhopam; matéria ou subst. não é mais que cetebaê; Corpo tem como equivalente teté; virtude o correspondente em tecoatú; e aicopucú-gaua vem a ser a nossa palavra duração. Supi ou Hupi nada fica a dever ao que em português chamamos justiça; O mesmo diremos de Baê em relação ao substantivo ser. Liberdade, sendo a condição de quem póde dispôr de si ou de seus haveres, sem alheia intromissão, póde exatamente ser vertida, com Miaucubeimaçua, e a não menos maravilhosa Moraucubára é suscetível de transformar-se em homólogo de reconhecimento, uma vez que es-

te vocabúlo tem mais de uma significação na fala luso-brasileira.

A título de curiosidade, aqui damos uma lista de termos que expressam idéias mais ou menos gerais ou abstratas; é uma prova eloquente da variedade de recursos, de que dispõe a língua brasileira.

Minotara — vontade.
taigaba — viveza, agilidade.
angaturama — bondade.
tecobe — vida.
lepiquiquera — vingativo.
ombae — vergonhoso.
amen, aiê — verdade.
Xearacaci — vanglorioso, garrido.
gurembaba — valente, ditoso.
tecotem — tristeza.
ciguetá — temor.
hiabaetebae — temido.
Xearurú — estar surto.
Moraucubára ou iocpiacubára — saudade.
tecoocugaba — prudência.
baecima — pobreza.
moraucubára — piedade.
tecomemô — injustiça.
migatá — força.
saangaba — figura.
maramatara — ferocidade (de pessoa).
loguerecocatú — favor.
bae-rato, coisa, ser.
Ierobiára — fantasia.
terapôana — fama.
marateneha — falso.
mitubara, moeira — fadiga.
amano — esmorecer.
aimoiré, acememô — escandalizar.
açaang, aimôguetá — ler.
nhéhengporanga — eloquência.
baeraci — dor.
abateocucugacatú — discreto.
nhoamotareima — discórdia.
quireima — diligência.
tecopotagaba — determinação.
tebi caci — destemperar.
naimoté — desprezar.
mutú — descanso.
naxepociquijei — denodado.
mociquijelma — cruza.
tecoeteima — covardia.
jeecotigára — conversação.
tecomunhangaba — constituição.
anhêgeregê — considerar.
emonâiporê-ê — conjecturar.
teco, tecoba — condição.
Aimorib — condescender.
joacubá — concórdia.
açaucubar — compadecer-se.
anhemomotar (rece) — cubição.
nhemomotára — cubição.
jiguirôborá — cioso.
moraotareima — castidade.
miracubara — calma.
morojucaiba — braveza.
maragatú — bondade.
teconhoteima — buliçoso.
tecoetebem — angustia.
tegaia — alegria.
jeaceia — agastamento.
aimete — adorar.
acecomonhang — aconselhar.
nhemomaimnâdaba — ocupação.
remimotára — querido.
raucubá — carinho.

poraucubara — carinhoso.
angagora — espiritual.
moreaucubá — caridade.
marara — agonia.
taigaba — diligência.
ierobiagaba — consolação.
mogacára — generoso ou nobre.
poatara — acentador.
moaguara — celestial.

Quase todos estes vocabulários foram tirados do acervo mencionado dicionário do padre Anchieta, tassamente atribuído a Pero de Castilho.

Ocupemo-nos, agora, dos estudiosos modernos, justamente os do século XIX, por ter sido este o mais fértil em investigações linguísticas, realizadas vis-a-vis com o indígena.

Citamos, apenas, dois escritores, Couto de Magalhães e o Visconde de Porto Seguro, porquanto representam tendências diametralmente opostas, no que tange a capacidade intelectual do nativo brasileiro, e favoravelmente idénticas, quanto ao falar do mesmo.

Para o primeiro, que com os hábitos e costumes selvagens se humanizara, a inferioridade do indio não passaria de relativa, devendo-se, porisso, levar-a a conta de diversos fatores desfavoráveis a eclosão da cultura, como o meio fisico, etc. Já ponto de vista se aproxima do da corrente historicocultural contemporânea. Não admira, por conseguinte, o seu entusiasmo pelo indio, sentimento que não encontrar um de seus mais altos modos de expressão nestas frases em louvor ao tupi, língua que mais parece de povo civilizado: "Feio lado da perfeição, ella e admirável; suas formas grammaticaes, embora em mais de um ponto emphyonarias, são contudo tão engenhosas que, na opinião de quantos a estudaram, pode ser comparada as mais celebres" ("O Selvagem", pag. 33, S. Paulo, 1930).

A seguir, vejamos o segundo. Tendo sempre manifestado hostilidade para com o aborigene, não podemos deixar de considerar insuspeito o que escreve em a nota 131, pagina 463, do livro de Gabriel Soares de Sousa: "O ananaz offerece exemplo de mais uma palavra indigena nossa que passou as linguas da Europa, e a linguagem das sciencias, depois que Thunberg formou o genero Ananassa. Vamos registando estes factos para decidir se para nos a lingua guarani e ou não digna, a par da grega, de ser cultivada como lingua sabia, necessaria para dar esclarecimentos não só na ethnographia e na botanica como nos diferentes ramos da zoologia".

Aliás, so a sua celebre "Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas do Brasil", publicada em 1840, bastaria para redimi-lo de sua negativamente nefasta ação no terreno da História.

Al o linguista reabilitou, condignamente o historiador, levando-o ao justo reconhecimento da utilidade de um ensino, agora tornado realidade nesta Pátria brasileira, que não pode e nem deve permitir os seus legítimos valores indígenas.